



VII ENLIJE

COLONIALISMO E O ANTICOLONIALISMO NOS CONTOS DE HONWANA E ONDJAKI

Autor(a): Gabriela Alves Sousa Lopes; Orientador(a): Rosilda Alves Bezerra

Universidade Estadual da Paraíba
gaby_sophei@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar alguns aspectos do colonialismo e do anticolonialismo nos países africanos através dos contos: “Nós Matamos o Cão Tinhoso”, de Luís Bernardo Honwana, tendo como foco Moçambique no período colonial; e “Nós choramos pelo Cão Tinhoso”, de Ondjaki, representando Angola, período pós-colonial. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, a partir da leitura dos respectivos contos de Honwana (1984) e Ondjaki (2007) e de textos para embasamento teórico de autores como Leite (2012), Cabaço (2009), Memmi (2007) Laranjeira (1995), Mata (2001), et al. Por fim, fazer uma reflexão a respeito do contexto de uma literatura africana que se inicia no regime colonial, e cujos temas como o etnocentrismo e eurocentrismo, que geram um racismo institucional, a opressão e a exploração sofridos pelos povos africanos são aspectos que se nutrem da literatura como forma de expressão e busca por libertação.

Palavras-chave: Colonialismo, Anticolonialismo, Literaturas Africanas, Moçambique, Angola.



(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br



INTRODUÇÃO

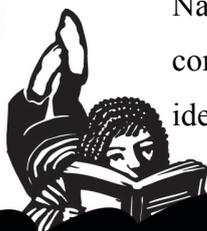
A investigação empregada para esse artigo foi a de escolher duas narrativas que representassem dois aspectos da literatura africana infanto-juvenil. O primeiro autor moçambicano, Luís Bernardo Honwana, foi escolhido com o conto: *Nós matamos o cão tinhoso*; o segundo conto, do autor angolano, Ondjaki, *Nós choramos pelo cão tinhoso*. O objetivo principal deteve-se em averiguar de que forma os aspectos coloniais e anticoloniais estavam presentes nos dois textos, sendo que o de Honwana (1984), estava escrito no período colonial, e o de Ondjaki (2000), no período pós-colonial, ou como pretende-se atestar, no anticolonialismo.

Apesar de alguns textos analíticos terem sido escritos em torno desses dois contos, pouco se revela as intenções de saber o que está recôndito nas entrelinhas ao se afirmar determinadas indagações no processo de colonização portuguesa nos dois países, Moçambique e Angola. Os dois contos tanto permitem auxiliar na identificação dos traços políticos desse período, como ampliar o conhecimento unindo história e literatura.

METODOLOGIA

Para a realização deste artigo optou-se por uma leitura de cunho socialista, no entanto, a pesquisa bibliográfica deste artigo apresenta e exemplifica a aplicação de metodologia que apoia a seleção e a priorização de um conjunto de conteúdos bibliográficos que represente o estado da arte a respeito dos países envolvidos (Moçambique e Angola) e de suas respectivas produções literárias, com maior concentração nos contos dos autores Honwana e Ondjaki.

No caso de Moçambique, os estudos de José Luís Cabaço (2009), *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*, como um dos historiadores para o desenvolvimento histórico da pesquisa. No que se refere à Moçambique colonial e Pós-Colonial, a pesquisa de Ana Mafalda Leite (2012), *Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Ainda no contexto histórico, para melhor compreensão dos dois países, utilizou-se *A África em sala de aula: visita à história contemporânea*, de Leila Leite Hernandez (2005), que traz os principais elementos abordados em contexto escolar dos países africanos e, dessa forma, conduziu-se com a relação implementada em torno da aplicabilidade da Lei 11.645/08. Na área da literatura africana, e do tema sobre colonialismo e pós-colonialismo, utilizado como apoio discursivo o de Inocência Mata (2001), *O texto colonial: uma questão estético-ideológica*. O apoio teórico também contou com o manual de Pires Laranjeira (1995).





VII ENLIJE

Literaturas africanas de expressão portuguesa, e a leitura do texto de Luís Bernardo Honwana produzida por Conceição Evaristo, no qual foram observadas outras caracterizações que puderam apoiar na compreensão dos referidos contos. No decorrer da realização da referida pesquisa pretendeu-se promover uma reflexão sobre o percurso das literaturas africanas, especificamente de Moçambique e Angola, que se constituíram antes e pós a independência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

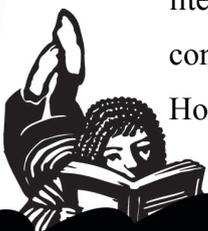
A literatura é um meio pelo qual abre a possibilidade de se conhecer melhor uma cultura, um povo, um país, e a partir do momento em que o universo escolar passa a tratar cientificamente da história, não somente do Brasil, mas de um Continente Africano, que muitos ainda atribuem como se fosse um país, suas respectivas matrizes étnico-culturais vão sendo reconhecidas, nesse caso, considerando a leitura de contos de dois países africanos de Língua Portuguesa, Angola e Moçambique (CHAVES, 2005).

Nesse contexto, o olhar sobre o Continente Africano a ser lançado no referido artigo visa a eliminar qualquer tipo de visão estereotipada, priorizando o entrelaçamento das relações entre história e literatura, os valores culturais da escrita africana, em suas múltiplas vozes culturais. Além disso, propõe-se utilizar a memória como um processo de recuperar uma história construída através da ficção, retratando a luta do povo de Angola e de Moçambique na construção de sua nação, especificamente através dos contos dos autores Luís Bernardo Honwana e Ondjaki. No ensino das literaturas de língua portuguesa, esse texto busca seguir o que foi sugerido por Abdala Júnior (2003, p. 36), no que diz respeito à história:

A história da literatura deve ser vista, entendemos nessa plurivocidade discursiva, com relatos entrecortados, conflituosos, como matéria voltada para o antes, que pode vir a ser o depois. No enovelado de linhas que se embaraçam, torna-se necessário buscar ainda intersecções e confluências com conjuntos de outros repertórios.

Luís Bernardo Honwana nasceu em Maputo, Moçambique em 1942, antiga Lourenço Marques (nome colonial de Maputo), regressou a capital de Moçambique em 1959, para se dedicar ao Jornalismo, vindo a tornar-se amigo de José Craveirinha, na época, o mais influente poeta de Moçambique. A amizade com Craveirinha proliferou não somente na literatura como na política, e em torno dessa amizade formou-se um círculo de amigos que conviviam com intelectuais brancos, como Rui Knopfli e Eugénio Lisboa. Em 1964, Honwana uniu-se ao FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), um

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

que pretendia libertar Moçambique de regime opressor colonial português. Nesse período, devido ao seu posicionamento político anticolonial foi preso, juntamente com Craveirinha, pela Polícia Política de Portugal (PIDE), de 1964 a 1967. Na prisão escreveu o livro *Nós matamos o cão tinhoso*, posteriormente, considerado uma obra fundamental da literatura moderna de Moçambique (NOA, 2015).

Participou ativamente do processo de libertação moçambicano, e no seu livro de contos: *Nós matamos o cão tinhoso*, considerado um marco da literatura moderna moçambicana, apresenta um retrato histórico do regime colonial português em Moçambique. De acordo com Pires Laranjeira,

O aparecimento de *Nós matamos o cão tinhoso*, estabeleceu um novo paradigma para o texto narrativo moçambicano, após a curta e esteticamente inexpressiva experiência do jovem malogrado João Dias (na viragem para a década de 50), pondo de lado, é claro, textos com menos pretensões qualitativas. (LARANJEIRA, 1995, p. 290)

Nós matamos o cão tinhoso é composto por sete contos que, de modo geral, recriam a atmosfera opressora vivida pelos trabalhadores colonizados de Moçambique e suas famílias. Os contos enfatizam a violência material e simbólica, do racismo e de todo tipo de injustiças a que era submetida a população moçambicana pobre em meados do século passado. O conto que dá título ao livro nos traz a história do Cão Tinho, um animal velho, já em estado decrépito, cheio de feridas e muito fraco, que vive em uma escola onde todos sentem raiva do Cão, e nem mesmo os outros cachorros querem brincar com ele, a única que parece se importar com o animal é a Isaura, uma das alunas da escola, e em alguns momentos do conto, o próprio narrador. A professora considera Isaura uma pessoa perturbada, com problemas mentais, parece não existir no mundo dos outros, a chamam de “parva”, por seu jeito silenciado.

Isaura é a única que cuida do Cão Tinho, tem cuidado por ele, e não se importa com as feridas que carrega na pele, sempre enojado por todos. As outras personagens, que são as crianças formadoras da “malta” da escola, têm o seguinte tratamento em relação ao Cão Tinho: Ginho é o narrador da história, inicialmente diz que o Cão é imundo, e até os próprios cães repelem a presença do animal. Os meninos da malta são em doze, e todos os sábados à tarde, jogam futebol no clube da cidade onde o cão tinho vai assistir ao jogo. Na varanda do clube estão sempre presentes jogando sueca, o Senhor Administrador, o Doutor Veterinário Duarte, e o Chefe dos Correios. De acordo com a apresentação dos nomes das

(85) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

personagens no conto, (todos começados com letras maiúsculas) fica nítido que representam o sistema colonizador na cidade.

Dessa forma, o cenário é palco para o Cão Tinhoso assistir aos jogos, porém, os administradores não consideram o ambiente adequado para a presença de um Cão em estado lamentável e quase putrefato, uma vez que mostra suas feridas, e o aspecto asqueroso e doente. Durante o jogo de sueca, o Senhor Administrador foi derrotado no jogo pelo Dr. Veterinário, por esse motivo, o Ginho, menino negro da malta, e o Cão Tinhoso ficavam rindo dele. Notem que a narrativa destaca o Cão Tinhoso como se fosse um ser humano, uma vez que o riso não pertence ao animal. Por esse motivo, o Senhor Administrador se sente humilhado por dois seres que ele considera escórias: o menino negro e o Cão ferido, por isso decide cuspir em direção a eles, como se o cuspe fosse para atingir o Ginho e o Cão Tinhoso. Depois desse episódio, o Senhor Administrador decide que é hora de matar o Cão Tinhoso, e procura manter as coisas em ordem, pois somente a presença do Cão já produzia incômodo suficiente e precisava ser eliminado.

O Doutor Veterinário, agora chamado pelos meninos de Sr. Duarte, decide reunir a malta e encarregá-los de executar o Cão Tinhoso. Ele fala ter conhecimento das atividades ilícitas dos meninos, que envolve o uso de armas dos pais, que eles pegaram sem autorização, para matar alguns pássaros na mata e usa esse argumento afim de persuadi-los a pegarem as armas dos pais, escondidos, e matar o Cão Tinhoso da forma mais discreta possível.

A malta resolve seguir as ordens do Sr. Duarte, carregando as armas dos pais. Em sequência, os garotos amarram uma corda no pescoço do Cão Tinhoso o levando para a mata atrás do matadouro. Toda a crueldade da cena reforça a opressão dos mais fracos. Os meninos tiram a sorte para saber quem irá atirar no Cão, e Faruk fica encarregado de puxar o Cão pela corda. Insatisfeito com a função, Faruk se nega a cumprir ordens, e Quim decide, então, transferir a função de carregar o Cão Tinhoso para o Ginho. Inicialmente, a malta é seguida por um grupo de meninos chamados no conto de “muleques do costa” (HONWANA, 1984 p. 19), que são violentamente expulsos por Quim, chegando a apontar a arma na direção deles. A malta segue o caminho enquanto o pobre Cão Tinhoso treme e chia com a boca fechada, se aconchegando nas pernas de Ginho, que a essa altura já está se afeiçoando ao cão: “— Quim, a gente pode não matar o Cão, eu fico com ele, trato-o das feridas e escondo-o para não mais andar pela vila com essas feridas que é um nojo...” (HONWANA, 1984, p. 21).





VII ENLIJE

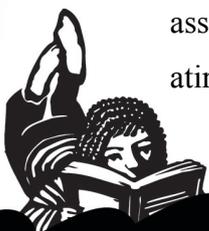
Apesar dos apelos de Ginho, a malta ignora a vontade dele e segue com o plano de matar o Cão Tinhoso, mas que isso, insistem que Ginho dispare o primeiro tiro. O grupo pressiona Ginho a atirar, questionando sua masculinidade e agredindo-o verbalmente: “— Isso são desculpas, isso são desculpas... Tu não és macho, como a gente... Maricas! Não tens vergonha? Dá lá o tiro, anda...” — Porra, atiras ou não, preto de merda?” (HONWANA, 1984, p. 29).

Esse contexto mostra claramente a forma como a malta quer se livrar do Cão, mas ninguém demonstra coragem de matar aquele animal, que já está morto socialmente, pois ninguém interage com ele, exceto Isaura, o Cão é a figura nítida de um excluído, enojado por todos, e enxotado onde chega. Os garotos foram obrigados a seguir a ordem do colono, que por si só demonstra a sua mediocridade e fraqueza, quando ele próprio não teve coragem de interromper a vida do Cão Tinhoso

Apesar de toda comoção em relação à morte do Cão, pode-se perceber que as crianças ainda mostram um pouco de sentimento, com a piedade por aquele ser tão indefeso. Essa reação é bastante recorrente, mesmo com toda a possibilidade de saber que o Cão terá seu fim concluído, conforme desejo do Senhor Administrador. A partir da reação do narrador observa-se que ele medo de voltar a sentir aquele sentimento de piedade, pois isso é uma forma de mostrar fraqueza:

Os outros, às vezes calavam-se, e só o Quim é que se ria sempre, sempre e cada vez com mais força. Os outros ouviam-no quando se calavam e voltavam a rir-se com força como ele. E riam-se, riam-se, riam-se enquanto o peso no meu pescoço e cá dentro aumentava cada vez mais. Parece que nunca mais acabavam de se rir, e eu com aquilo só tinha vontade de chorar ou de fugir com o Cão-Tinhoso, mas também tinha medo de voltar a sentir a corda a tremer de tão esticada, com o chiar dos ossos a querer fugir da minha mão, e com os latidos que saíam a chiar, afogados na boca fechada como ainda há bocado. Sim, eu nunca mais queria voltar a sentir isso. (HONWANA, 1984, p. 36).

O Cão não foi atingindo fatalmente pelo tiro, e ainda está vivo, porém a malta ainda deseja executar o trabalho. Assim, Quim encarrega Ginho de tirar Isaura de cima do Cão Tinhoso, mas Isaura não facilita a tarefa, que resiste, mas Quim conta de um até três, para que no fim, toda a malta atire em conjunto no convalescente Cão. Quando Quim chega no três a malta hesita, e ele vê a necessidade de ameaçar os meninos, que cedem a ordem e, na última tentativa, atiram, no final da segunda contagem, contra o Cão Tinhoso. O barulho das balas assusta Isaura, que cai sobre o Ginho e fica sobre ele durante o tiroteio, a malta continua atirando, mesmo quando o Cão já está falecido.





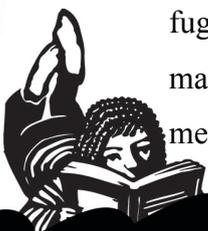
VII ENLIJE

No encerramento do tiroteio, Isaura que vive no silêncio, emite um último berro, que é ignorado pela malta. Por fim, os meninos começam a se gabar dos tiros que acertaram em cheio o Cão, sem demonstrar o menor remorso ou piedade pelo animal aniquilado, pelo contrário, estavam cheios de si: “— Eu acertei o tipo no olho esquerdo quando o tipo ainda estava de pé”. (HONWANA, 1984, p. 34) “—... A gente atirou para um alvo já morto”. (HONWANA, 1984, p. 35). Isaura se levanta e vai embora, ainda sem dizer uma única palavra e deixa a malta para trás. O comportamento dos meninos, que agem de forma fria e calculista, recai como um processo do fascismo, como um regime de opressão, e que de uma certa forma está totalmente ligado ao colonizador. Os meninos foram obrigados a fazer algo terrível, que no início se mostraram com algum tipo de sentimento de piedade pelo Cão, mas depois do serviço realizado, o sentimento que sobrou foi o de alívio com desprezo pela vida do animal. Diante desse aspecto, mais uma vez fica evidente o traço do colonialismo na narrativa, que segundo Memmi:

as relações humanas ali provêm de uma exploração tão intensa quanto possível, fundam-se na desigualdade e no desprezo e são garantidas pelo autoritarismo policial. Não há qualquer dúvida, para quem o viveu, de que o colonialismo é uma variação do fascismo. Esse rosto totalitário, assumido em suas colônias por regimes muitas vezes democráticos, só é aberrante na aparência: representados junto ao colonizado pelo colonialista, eles não podem ter outro. (MEMMI, 2007b, p. 100).

Essa relação entre o colonizado e o colonizador é muito próxima, pois uma ordem emitida por um superior, com a promessa de expor os meninos aos pais, caso não cumprissem a ordem de matar o Cão somente reforça a subordinação dos mais fracos em relação aos mais fortes. O aspecto colonial é fortemente apreendido nesse contexto, no qual o colonizado ainda está fortemente subordinado aos desmandos do colonizador.

A partir dessa leitura sobre o conto “Nós matamos o Cão Tinhoso”, encontra-se a possibilidade de verificar várias leituras e interpretações, porém uma das que mais se destaca refere-se à trajetória de um menino, que a princípio se gaba pela morte de um Cão totalmente rejeitado pela sociedade, como também carrega a culpa pela morte de um inocente, que o único defeito era o de ser doente e indesejável por suas feridas expostas. Observamos que o Cão e o menino são representações visíveis do colonizado africano, pois trazem em suas narrativas a fragilidade e a capacidade de serem indesejados pelos dominadores. Conseguem fugir de bombas, mas sucumbem, como no caso do cachorro, que não resiste aos tiros da malta, ou continuam em sua existência no papel de subservientes dos poderosos, no caso do menino.





VII ENLIJE

Nesse sentido, Isaura é a representação da vítima, que fragilizada pelo sentimento de piedade não consegue salvar o Cão. Os meninos da malta são algozes do Cão Tinhoso, mas também tomam para si a pecha de vítimas de uma sociedade que não tolera os subservientes, mas que os usam até as últimas consequências para tornarem possíveis seus desmandos.

O conto de Honwana apresenta questões sociais de exploração e de segregação racial, de distinção de classe e de educação. A figura do Cão Tinhoso é uma representação do próprio colonizado, pois é o cão do medo, o cão da guerra, e o cão colonizado. Entretanto, também pode ser visto como o cão colonizador, o cão coragem, o cão da decadência, o cão de fantasia, o cão da ingenuidade, o cão criança adulta ou o cão fatalidade. São inúmeras as simbologias desse Cão.

A partir dessas considerações breves em torno do conto de Honwana, a proposta de se passar para o conto de Ondjaki, “Nós choramos pelo Cão Tinhoso”, observando a conexão entre ambos. A expectativa na leitura de análise dos dois textos é a de que se procura pela ação humanizadora contido nas duas narrativas.

Ondjaki, cujo nome de batismo é Ndalú Ferreira, nasceu em Luanda, no dia 5 de julho de 1977. Filho de descendentes de portugueses adotou o gosto pela leitura propiciada por obras tais como as de Asterix, e algum tempo mais tarde conheceu a literatura de autores franceses como Jean Paul Sartre, e dos brasileiros Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. O nome Ondjaki, que adotou como escritor, significa (aquele que enfrenta desafios). Licenciou-se em Sociologia, continuando seus estudos em Lisboa. Doutorou-se em Literaturas na Itália. Atualmente reside no Rio de Janeiro.

Em 2007, o escritor angolano Ondjaki publicou o livro de contos *Os da minha rua*. Nele, um dos contos faz referência explícita ao texto de Honwana: “Nós choramos pelo cão tinhoso”, título do conto de Ondjaki, em que narra a experiência de leitura do texto do autor moçambicano por um grupo de alunos da oitava série, numa aula de português, em uma escola de Luanda. O contato com a história da morte do cachorro Cão Tinhoso, por um grupo de crianças moçambicanas que, de certo modo, haviam absorvido toda a brutalidade e violência do sistema colonial, deixa o grupo de estudantes angolanos perplexo e emocionado, atestando simultaneamente o poder humanizador da literatura e um diálogo solidário entre as gentes e as literaturas de Moçambique e Angola (SECCO, 2008).





VII ENLIJE

Em *Os da minha rua* está inserido o conto “nós choramos pelo cão tihoso”, no qual Ondjaki dedica ao escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana, autor do conto “Nós matamos o Cão Tihoso”, como forma de homenagear o escritor que publicou em um período dominado pelo colonizador. O diferencial desse conto é de que será utilizado em sala de aula, cujo objetivo é de observar de que forma a turma reage à violência cometida ao cão, e na referência anticolonial considera-se o texto de Ondjaki escrito em um contexto pós-colonial, considerando a definição do termo elaborada por Ana Mafalda Leite:

O termo pós-colonialismo pode ser entendido como incluindo todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial; o termo é passível de englobar, além dos escritos provenientes das ex-colônias da Europa, o conjunto de práticas discursivas, em que predomina a resistência às ideologias colonialistas, implicando um alargamento do *corpus*, capaz de incluir outra textualidade que não apenas das literaturas emergentes, como o caso de textos literários da ex-metrópole, reveladores de sentidos críticos sobre o colonialismo. (LEITE, 2012, pp. 129-30).

É a partir dessa leitura que a imagem de horror identificada na figura do Cão pode ser uma analogia com o colonizado, considerado um estorvo social. A possibilidade de se livrar daquele mal é usado através das crianças, a partir da ordem de um administrador que controla a sociedade, dessa forma, a decisão de matar o Cão Tihoso pode exibir um modo de eliminar os traços da colonização pois se trata de um incômodo social.

Nesta narrativa, Jacó conta que já havia lido aquele conto em sala de aula, dois anos antes, e lembrava claramente do enredo do conto. As lembranças do garoto indicam que conforme a leitura ia se desenrolando, o texto se tornava duro, tão duro a ponto de sentir uma lágrima pesar em seus olhos. Jacó diz não compreender tal sentimento, uma vez que já havia lido o conto anteriormente e sua reação teria sido diferente, menos comovente. Ele compara a atividade escolhida pela professora com a ordem do Veterinário à malta no conto de Honwana, comparou os colegas de sala a própria malta, assim, ele sabia que no fim o Cão Tihoso e Isaura iriam sofrer no final. Ele ressalta a sua simpatia pelos personagens Isaura e Cão Tihoso: “O cão se chamava Cão tihoso e tinha feridas penduradas, eu sei que já falei isso, mas eu gosto muito do cão tihoso.” (ONDJAKI, 2007, p. 132).

O narrador repara que os colegas começam a ler o conto mais devagar, como se escolhessem o tom correto para cada parágrafo, ou como se o medo de chegar até o fim do conto sem despertar a comoção causada pela morte do Cão. Já perto do desfecho, havia grande tensão na sala, alguns alunos já tinham os olhos molhados, e bochechas vermelhas.





VII ENLIJE

Um dos alunos chamado Olavo, aproveita a tensão presente na sala como oportunidade para fazer chacota de algum colega:

Na terceira parte até a camarada professora começou a engolir cuspe seco na garganta bonita que ela tinha, os rapazes mexeram os pés com nervoso miudinho, algumas meninas começaram a ficar de olhos molhados. O Olavo avisou: “quem chorar é maricas então!” e os rapazes todos ficaram com essa responsabilidade de fazer uma cara como se nada daquilo estivesse a ser lido. (ONDJAKI, 2007, p. 134).

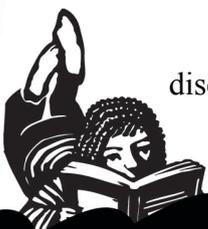
A professora deixou Jacó por último, houve tensão no momento em que ele se levantou para realizar a leitura oral, havia expectativa em toda a sala visivelmente silenciosa: “Era aquela parte do texto em que os miúdos já não têm pena do Cão Tinhoso e querem lhe matar a qualquer momento. Mas o Ginho não queria. A Isaura não queria”. (2007, p. 135).

A leitura oral na frente de toda turma era considerada uma tarefa difícil para Jacó, principalmente na ênfase daquele trecho, uma vez que necessitava concentração no texto, realizar uma leitura correta, e sem chorar diante dos colegas, dessa forma, sentia um peso atrapalhar a sua voz. Jacó encerra a leitura do texto quando toca o sinal, e todos os olhos da turma estão voltados para ele, havia um silêncio na sala, como se tiros tivessem sido disparados lá dentro, ele olha para as nuvens para impedir que as lágrimas escorram pelo seu rosto:

A camarada professora levantou-se, veio devagar para perto de mim, ficou quietinha. Como se quisesse me dizer alguma coisa com o corpo dela ali tão perto. Aliás, ela já tinha dito, ao me escolher para ser o último a fechar o texto, e eu estava vaidoso dessa escolha, o último normalmente era o que lia já mesmo bem. Mas naquele dia, com aquele texto, ela não sabia que em vez de me estar a premiar, estava a me castigar nessa responsabilidade de falar do Cão Tinhoso sem chorar. “Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes”. (ONDJAKI, 2007, p.136).

No conto de Ondjaki fica visível o comportamento das crianças ao se depararem com a leitura do conto de Honwana, “Nós matamos o Cão Tinhoso”, principalmente no que se refere à sensibilidade de cada uma. É um novo contexto, uma Angola pós-colonial, independente, sem as amarras do colonizador. As crianças na classe procuram uma forma de não serem escolhidas para a leitura do conto, pois sabem o quanto serão abaladas pelo o que acontece com o Cão Tinhoso. Não mostram a frieza e a distância na violência causada ao cão pelas atitudes da malta no conto de Honwana.

No conto de Ondjaki, o que está em causa é o choro dos jovens, que não cansam de discutir como segurar o choro depois de lerem algo tão triste e doloroso. No entanto, no texto





VII ENLIJE

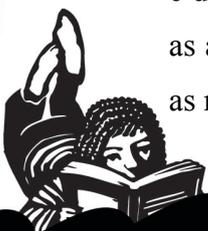
de Honwana também aparece, no início, o choro do Ginho, que não concorda com a eliminação do Cão. Esse texto revela um quadro do homem descolonizado, que ainda tem sentimentos, e se apieda com o fracasso dos outros (MEMMI, 2007a). Quando os dois textos são colocados lado a lado percebe-se que o ensejo do choro de ambos os contos é válido por conta da pena que a turma sente pelo Cão. No conto do Ondjaki as crianças sentem medo de chorar, e a vergonha se dá pelo fato da construção de que o homem não deve revelar seus sentimentos, com a possibilidade de ser visto como fraco ou covarde: “Olhei as nuvens. Na oitava classe, era proibido chorar à frente dos outros rapazes” (ONDJAKI, 2007, p. 103).

Pode-se concluir que nesse caso aqui abordado, os contos de Honwana e de Ondjaki estão fortemente localizados em suas temáticas e ideologias. Percebe-se que na narrativa “Nós matamos o Cão Tinhoso”, de Honwana, fica evidente uma relação dialética entre o colonizado e o colonizador, pois é mostrada nas entrelinhas, mesmo quando apresentada através das formas consideradas mais sutis. Estes aspectos concentram-se nas personagens e nas situações por elas causadas, na incompreensão do outro e da falta de respeito com o próximo, e do frequente exercício de injustiça com os mais pobres.

Os dois contos unem a representação subjetiva do menino/masculino como resultante de uma sociedade opressora e colonizada. Nesse caso, o silenciar do choro pode ser uma espécie de condição de uma anticolonização, em que há uma consciência pela piedade do doutro. A experiência de desintegração, de isolamento e de manipulação, em que sobreviver continua a exigir a destruição do próximo é um aspecto mais observado no primeiro conto. Apesar de nos dois contos aparecerem uma certa comoção em relação à morte do Cão Tinhoso, no texto de Ondjaki esse sentimento é compartilhado pela turma com muito mais empenho, pois no conto de Honwana isso ocorre em apenas alguns momentos, e com menos personagens.

CONCLUSÕES

“Nós matamos o Cão Tinhoso”, de Luís Bernardo Honwana, traz um retrato da situação colonial vivida em Moçambique, protagonizados por personagens que estão à margem da sociedade, humilhados e oprimidos diante das arbitrariedades do sistema colonial. No contexto colonial, a narrativa destaca como o silêncio das vítimas diante das humilhações e dos abusos sofridos pelos opressores representava uma espécie de estratégia para sobreviver as agruras da vida. A tirania do colonizador não deixava possibilidades para a contestação ou as revoltas pessoais.





VII ENLIJE

“Nós choramos pelo Cão Tinhoso” exemplifica várias multiplicidades em relação ao espaço narrativo, pois se configura como um texto dialógico e intertextual, uma vez que dialoga com “Nós matamos o Cão Tinhoso”, construindo uma narrativa a partir das emoções de uma turma de oitava classe despertada pela leitura do conto de Honwana, e sobre o envolvimento dessa ação na constituição de subjetividades dos sujeitos leitores. Ou seja, Ondjaki carrega uma abordagem mais intimista, pois desperta o sentimento das personagens como se fossem atores de um ato indesejável, que tem relação direta com o destino do Cão Tinhoso abordado em Honwana.

Nas duas ficções pode ser observado o comportamento das crianças em relação ao Cão Tinhoso. No primeiro, as crianças matam o Cão Tinhoso, ou seja, o período é diferente, época de pouco sentimento, a revolta contra o outro ou contra ao que o colonizado representa está contido em todas as partes dessas narrativas. Por outro lado, enquanto as crianças podem chorar pelo Cão Tinhoso, o contexto é outro, bem diferente do localizado em “Nós matamos o Cão Tinhoso”. O efeito que a leitura de Ondjaki provoca nas crianças é avassalador, pois ninguém consegue ficar indiferente quanto ao destino de um Cão, por ter a sua morte executada de forma cruel e violenta. O fato das crianças se gabarem pela morte do Cão também revela a insensibilidade e o descaso pela vida, mesmo que seja de um animal. Entretanto, o conto no qual as crianças choram por causa do destino lamentável do Cão mostra a literatura como processo de representação de um espaço narrativo em que ocorre uma série de trocas do que poderia ser o real, uma vez que retrata um espaço de subjetividades no qual as crianças se expõem, mesmo com vergonha de revelar as suas reais emoções a partir do que o texto literário desperta nelas.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. História Literária e o Ensino das Literaturas de Língua Portuguesa. In: **De voos e ilhas: Literaturas e comunitarismos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

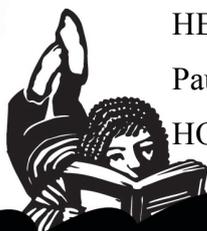
CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiências colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê, 2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. **África na sala de aula: Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o Cão Tinhoso**. São Paulo: Ática, 1980.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade aberta, 1995.

LARANJEIRA, Pires. Universos das literaturas africanas: epistemologias variadas, rizomas com raiz, glocalizações e levantados do chão. In: GARCIA, Flávio; MATA, Inocência (Orgs.). **Pós-colonial e pós-colonialismo: propriedades e apropriações de sentido**. Rio de Janeiro: Dialogarts Publicações, 2016.

LEITE, Ana Mafalda. Pós-colonialismo: um caminho crítico e teórico. In: **Oralidades & escritas pós-coloniais: Estudos sobre Literaturas Africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

MATA, Inocência. O texto colonial: uma questão estético-ideológica. In: **Literatura angolana: Silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa: Mar Além, 2001.

MEMMI, Albert. **Retrato do descolonizado: árabe-muçulmano e de alguns outros**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado** precedido do retrato do colonizador. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b.

NOA, Francisco. **Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária**. São Paulo: Kapulana, 2015.

ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-Colonialismo, Identidade e Mestiçagem Cultural: A literatura de Wole Soyinka**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999.

